

# A IDEIA

Publicação fundada  
em 1974

Não destinada  
a venda comercial

Periodicidade  
anual

## JOGOS FEITOS

A política em Portugal está numa fase curiosa. Para os políticos, um jogo de profissionais feito de cumplicidades e golpes impiedosos. Para as pessoas comuns, o descrédito, a indiferença ou a desatenção confiante. Para o país, a tranquilidade da «não história» ou as oportunidades adiadas?

A participação de Portugal na construção europeia vai prosseguindo, com aparência de naturalidade rotineira. O governo do eng.º Guterres prossegue a obra do prof. Cavaco, arrancando aqui mais uns subsídios, trocando além o seu voto por uma qualquer promessa ou adiamento. Mas a composição partidária dos governos europeus não é hoje a mesma de há cinco anos atrás e a pressão eleitoral dos milhões de desempregados, dos jovens e dos reformados/dependentes do Estado-providência torna-se bem mais complicada de gerir (a dos *lobbies* também). O tempo da «conclusão do mercado único» deu lugar a uma conjuntura sumamente mais periclitante, com esta actual tentativa de «união económica e monetária», dobrada de uma ténue «política externa e de segurança comum», num contexto de acérrima competição económica mundial e de persistentes crises e instabilidades políticas nos flancos leste, sueste e sul da própria Europa. Como estaremos, por hipótese, no dia 1 de Setembro de 2.007?

Aparentemente, o actual governo fez o milagre de, quase sem se dar por isso, «pôr o país em Maastrich», manter a paz laboral, lançar o «rendimento mínimo garantido» e ainda assegurar com galhardia o grande projecto da «Expo» e das comemorações de mais um centenário das nossas glórias passadas (agora viradas para o futuro). E tudo isto, apenas com o sacrificozinho de alguns quilómetros de autoestradas. Mas já se observou o estado em que está o cumprimento do plano rodoviário nacional estabelecido em 1985 pelo dr. Soares e que já leva dez anos de execução do prof. Cavaco e dois do eng.º Guterres?! E o que representam as obras da zona

oriental de Lisboa para o conjunto da economia do país? Por este andar, vamos mesmo precisar de esventrar o centro do Porto, levar os aviões para a Ota e fazer o tal lago alentejano para aguentar a produção nacional e continuar a alimentar a imigração, ao mesmo tempo que tratamos mal quem nos visita e ainda se não vislumbram os «produtos imateriais» que no futuro hão-de constituir a nossa contribuição para a economia global!

Contra algumas expectativas malévolas, no campo da política social os socialistas têm-se havido com sucesso. Com o louvável pretexto da igualdade, pretendem prosseguir a aproximação das condições de reforma dos funcionários e dos assalariados, retirando àqueles algumas das suas «regalias» sem que estes se sintam mais beneficiados por isso. Mas como tocar em pensões é matéria politicamente delicada, o governo apressou-se a conceder à desavinda comissão do «livro branco» os três mesinhos necessários para que qualquer medida prática já não caiba no orçamento de 98. E como 99 será ano de eleições, aí está adiada para a próxima legislatura esta «reforma fundamental», que envolve um «pacto entre três gerações», embora não haja «rotura financeira à vista».

O assunto da revisão constitucional é um terreno de inefáveis posturas e intervenções. Permitiu a condução realista do processo pelos drs. Lação e Mendes, a posição histórica do poeta Alegre, as observações ponderadas dos distintos constitucionalistas profs. Miranda e Moreira. Mas continuamos sem saber como se votará em futuras eleições legislativas, o «portuga» de Lausanne não sabe se poderá votar Cavaco ou Sampaio para as próximas presidenciais, apenas temos a certeza de que é conveniente trazer sempre o BI no bolso. E também nos asseguram alguns que a Constituição ficará «tecnicamente muito mais perfeita», enquanto outros nos dizem que ela se torna mais «flácida e

# 1997





